

ISSN 2179-6890

MARXISMO E DIALÉTICA NA PERSPECTIVA DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA¹

MARXISM AND DIALECTIC IN GEOGRAPHICAL SCIENCE

Luiz Carlos da Rosa² e Elsbeth Léia Spode Becker³

RESUMO

A ciência geográfica, ao longo da história e até os dias atuais, passou por diversas transformações, à medida que o espaço e a sociedade também se modificavam. Neste trabalho, objetivou-se discutir os usos e as contribuições do marxismo e da dialética na renovação da Geografia. Para tanto, efetuou-se uma pesquisa bibliográfica, com diversas fontes, catalogadas em fichas que serviram para identificação das obras consultadas e ordenação dos registros. Buscou-se focar, especialmente, a Escola Crítica ou Radical ou da Geografia Nova, que rompe com a filosofia norteadora das escolas anteriores, Positivistas e Neopositivistas, passando a utilizar a análise dialética na Geografia, ao estabelecer que a realidade material e o pensamento só existem sob a forma de movimento, em que a dinâmica das coisas e dos objetos está em um processo de constante transformação e sua estrutura teórica tem suporte fundamentado no Materialismo Histórico e Dialético.

Palavras-chave: geografia crítica, transformação, movimento.

ABSTRACT

The geographical science throughout history, until today, has undergone several transformations as space and society also change. This study aims to discuss the uses the contributions of Marxism and dialectic in the renewal of Geography. For this, the work was based on a literature review from several sources that have been cataloged on cards, which served to identify the works consulted and the ordering of records. It was focused, in particular, the Critical, or Radical or even new Geography School, which breaks up with the guiding philosophy of the previous schools, Positivists and Neopositivists, starting to use a dialectical

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmico do Curso de Geografia - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

analysis in Geography, upon establishing that the material reality and thought only exist in the form of motion, in which the dynamics of things and objects are in a constant process of transformation, and its theoretical framework is supported on Historical and Dialectical Materialism.

Keywords: *critical geography, transformation, movement.*

INTRODUÇÃO

A ciência geográfica preocupa-se em explicar o espaço. Esse, por sua vez, divide-se em diferentes categorias, fazendo com que a Geografia seja caracterizada como uma ciência que se preocupa com os assuntos que envolvem as interfaces natureza e sociedade.

Essa preocupação intensifica-se cada vez que as condições de vida sobre a Terra transformam-se ou o movimento de evolução do homem e das coisas modificam-se com certo grau de importância. Nesse contexto, as ciências, são obrigadas a remodelarem-se, a evoluírem com os fatos para poder explicá-los em termos do presente e não mais se referir ao passado.

Nesse sentido, a Geografia tem relegado um extraordinário esforço de análise e de síntese a respeito dessas evoluções, com o objetivo de fazer com que ela própria apreenda o espaço, como nos revela Santos (1996, p. 85), “quer como categoria, quer como realidade concreta”.

Dessa forma, a totalidade é essencial ao verdadeiro pensamento científico, em que a proposição de uma Geografia crítica - baseada no Marxismo e assentada no Método Dialético, que é contraditório e considera a dinâmica das coisas em constante transformação, movimento - dá origem a uma visão mais ampla do espacial e da qual não estão ausentes a história e a sociedade.

Produzir Geografia, na perspectiva da Escola Crítica, é considerar que ela está assentada no Marxismo, o que equivale reconhecer que se utiliza do Método Dialético (Materialismo Histórico e Dialético), no qual as hipóteses são construídas a partir da noção de totalidade e o objeto de estudo é entendido como um processo em constante transformação, em movimento.

A visão crítica permite fazer uma associação entre os aspectos geográficos dos recortes espaciais estudados na pesquisa geográfica. Com isso, por meio da visão marxista, podem-se produzir análises contextualizadas do espaço geográfico.

Assim, neste estudo, teve-se como objetivo contextualizar, na discussão acadêmica, os usos e as contribuições do marxismo e da dialética na renovação da Geografia.

METODOLOGIA

As pesquisas em Geografia, em sua grande maioria, são desenvolvidas por meio de estudos de campo. Há, no entanto, também, pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Segundo Gil (2002, p. 45), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Portanto, a pesquisa bibliográfica, como qualquer outra modalidade de pesquisa, desenvolve-se ao longo de uma série de etapas que dependem do grau de precisão que a ela se pretende conferir com a pesquisa.

Dessa forma, a pesquisa foi organizada ao longo de uma série de etapas. Iniciou-se com a escolha do tema que, nas palavras de Gil (2002, p. 60), “é uma tarefa considerada fácil, porque qualquer ciência apresenta grande número de temas potenciais para a pesquisa”. Em um segundo momento, foi realizado um levantamento bibliográfico preliminar e exploratório, a fim de facilitar a formulação do problema.

Após a formulação do problema, elaborou-se um plano de assunto, que facilitou a organização sistemática das partes que compõem o objeto de estudo. Esse plano foi apresentado em forma de itens e subitens ordenados. O passo seguinte consistiu na busca de fontes, capazes de fornecer as respostas adequadas ao problema proposto, analisando a consistência das informações e dados apresentados pelos autores. Para reter as informações obtidas nas fontes, foi organizada a confecção de fichas que serviram para a identificação das obras consultadas, ordenação dos registros e construção lógica do trabalho. Por fim, foi feita a redação final.

MARXISMO E GEOGRAFIA

A Geografia sistematizada, que se desenvolveu a partir das formulações de Ritter e Humboldt, tem na descrição dos fenômenos uma tendência à visão holística⁴, apesar do positivismo que lhe atribui características cartesianas⁵.

Marxismo⁶ é o conjunto de ideias filosóficas, econômicas, políticas e sociais que interpreta a vida social, conforme a dinâmica da luta de classes e

⁴ Dá preferência ao todo ou a um sistema completo, e não à análise, à separação das respectivas partes componentes.

⁵ Confiam, de modo irrestrito e exclusivo, na capacidade cognitiva da razão.

⁶ Elaborado, primeiramente, por Karl Marx e Friederich Engels. Foi desenvolvido, mais tarde, por outros seguidores.

prevê a transformação das sociedades de acordo com as leis do desenvolvimento histórico de seu sistema produtivo. O marxismo tem sua gênese ancorada em concepções filosóficas do pensamento iluminista do século XVIII e nas ciências humanas.

Dessa forma, a ciência geográfica e as concepções marxistas abarcam conhecimentos das ciências da natureza e das ciências dos homens, cada qual vista com leis que não são estritamente as mesmas, mas entendidas como essencialmente dinâmicas e abordadas por meio de suas mútuas influências sempre mutáveis.

O pensamento de Marx é centrado na interpretação do homem, ou seja, nas necessidades humanas. A história inicia-se com o próprio homem que, na busca da satisfação de suas necessidades, trabalha transformando a natureza. Essa apropriação e transformação da natureza passa a ser cada vez mais intensa e acelerada, acompanhando a evolução tecnológica e científica, ou seja, o conhecimento aprofunda a interferência do homem sobre a natureza. No entanto, as relações da corrente filosófica do pensamento de Marx e a ciência mantiveram certa distância por um longo período de tempo. A partir do pós-Segunda Guerra Mundial, os conceitos da ciência moderna passaram a ser questionados e, nesse contexto, o pensamento de Marx emerge como suporte filosófico, influenciando, também, a ciência geográfica. Nas palavras de Moraes (1987, p. 40),

é somente no limiar da crise do pensamento tradicional que as ideias de Marx virão à tona no debate da Geografia. Tal processo se inicia no pós-guerra, e adquire alguma intensidade nos anos cinquenta, já no bojo de uma perspectiva de renovação da Geografia.

O pensamento de Marx enfatiza a visão geral da história humana, detendo-se, com maior profundidade nas características da sociedade capitalista. Visualizou, a partir das contradições inerentes a essa sociedade, uma profunda transformação social, principalmente, no mundo contemporâneo, marcado pelo sistema capitalista⁷.

Assim, as desigualdades econômicas e sociais geradas pelo sistema capitalista e a decrescente participação do povo na tomada de decisões geraram uma alienação social e econômica, com importantes efeitos na organização do espaço, isto é, uma realidade em todas as escalas de observação geográfica.

⁷ Sistema econômico e social baseado na propriedade privada dos meios de produção, na organização da produção, visa ao lucro e emprega trabalho assalariado e no funcionamento do sistema de preços.

Percebe-se, assim, que a própria história é o processo de criação do homem pelo trabalho humano.

Os dois elementos principais da análise do Marxismo são o Materialismo Dialético, para o qual a natureza, a vida e a consciência se constituem de matéria em movimento e evolução permanente e o Materialismo Histórico, para o qual o modo de produção é base determinante dos fenômenos históricos e sociais, inclusive as instituições jurídicas e políticas, a moralidade, a religião e as artes.

Nesse contexto, é válido lembrar que, segundo Quaini (1979, p. 22),

quando Marx fala de capital (no sentido de relação capitalista de produção e de processo de reprodução e acumulação do capital), não pensa em algo que diga respeito exclusivamente à produção econômica ou às técnicas de produção, mas em algo que ao mesmo tempo se refere à sociedade e ao território.

A partir disso, subentende-se capital ou capitalismo como uma determinada relação de produção e como uma organização econômica. Ao mesmo tempo, é também uma organização social, pois divide a sociedade em classes e em territórios, nos quais se encontram desde os meios de trabalho e de vida até os de produção e do desenvolvimento da urbanização. As ideias básicas do marxismo são simples, explicam a sociedade em que vivemos como nenhum outro grupo consegue fazê-lo. Elas possibilitam entender um mundo acometido por crises, com sua pobreza em meio a tanta riqueza, seus golpes de estado e ditaduras militares, um mundo em que invenções fantásticas levam milhões para as filas do desemprego e da miséria, “democracias” toleram a ação de torturadores, estados ameaçam uns aos outros com mísseis nucleares, nações se veem à mercê de fundamentalismos e a sociedade civil convive com ações de terrorismo.

A Geografia dedica-se aos estudos e à busca de explicação para esses fenômenos que ocorrem no mundo atual. Para a Geografia Crítica, o objeto de estudo é o espaço, considerado como relacional e percebido como conteúdo que apresenta, no seu interior, vários tipos de relações que existem entre os objetos, pelo fato de se considerar a totalidade do espaço, como não sendo a adição de partes menores.

Por meio do enfoque marxista, buscou-se superar as limitações da noção do gênero de vida, abriu-se espaço para categorias de análise coexistentes com o desenrolar histórico, enfatizando as condições concretas e físicas do capitalismo submetidas a parâmetros econômicos que definem as bases territoriais.

Assim, ainda na visão marxista, com a Geografia tenta-se entender também a regionalização da reprodução de trabalho, cuja lógica relaciona a região de mercados de trabalho à organização espacial de população e à regionalização dos processos políticos e ideológicos de dominação, usados para manter as relações de produção.

Portanto, a corrente filosófica marxista fornece uma importante contribuição à ciência geográfica, por meio de seus métodos de análise do espaço, ao focar a produção e a luta de classes, criando um novo olhar sobre a complexidade em que o mundo se encontra. A crítica marxista procura intertextualizar a arte com a história, a sociologia e outras áreas do saber científico social, com a utilização do método dialético, o qual considera o movimento das coisas e sua evolução.

DIALÉTICA

A origem da palavra dialética descende da palavra grega *dialektikê*, formada por dois prefixos *dia* e *logos* que, de acordo com Santos (1963, p. 63), “significa dividir em três partes a razão”.

A dialética sempre foi um tema recorrente na história da filosofia. Teve sua origem na Grécia antiga, como muitos outros conhecimentos e ciências e, nas palavras de Konder (1985, p. 07), “era na Grécia antiga, a arte do diálogo”.

No mundo grego, o conceito de dialética foi assumindo diferentes significados que, de acordo com Konder (1985, p. 07), “aos poucos, passou a ser a arte de, no diálogo, demonstrar uma tese por meio de uma argumentação capaz de definir e distinguir claramente os conceitos envolvidos na discussão”.

Aristóteles também ocupou-se com a dialética, sendo responsável, em boa parte, pela sua sobrevivência. Esse filósofo estudou, em profundidade, o conceito de movimento, potencializando-o. Assim, os filósofos não deixaram de estudar o lado dinâmico e mutável do real. Com o domínio do feudalismo, a dialética perdeu forças novamente, reaparecendo no Renascimento e no Iluminismo.

O conceito de dialética foi se reestruturando e, apesar de ter sido abandonado na história da Filosofia por algum tempo, reapareceu na Idade Média definido como método da dúvida e da crítica, fundadas no exercício da razão. Cria, então, a base, ou seja, serve de apoio à Filosofia Moderna.

Na modernidade, a razão toma consciência de sua função, enquanto instrumento teórico, sendo que alguns pensadores, principalmente Hegel, afirmavam que todo conhecimento vem do ser, assim, ele é humano. Karl Marx, com base nesse pensador, faz suas críticas e mostra os limites do idealismo nas

interpretações de mundo. A dialética compreende, necessariamente, a noção de movimento na história. Para Marx, a dialética, é um método rigoroso de investigação científica, entretanto, deve respeitar seus próprios limites para demonstrar sua eficácia. A Dialética Marxista postula que as leis do pensamento correspondem às leis da realidade, sendo pensamento e realidade a um só tempo. Essa investigação científica traz consigo a tensão entre afirmação e negação, que leva à outra posição, em que as ideias são confrontadas, chegando a negação da negação. São esses momentos que Hegel chama de tese, antítese e síntese, que se desenvolvem em um processo de cadeia infinito, em espiral.

A filosofia descreve e reflete a realidade, a dialética, por sua vez, busca não interpretar, mas refletir acerca da realidade. Por isso, seus três momentos não são métodos terminados e fechados, mas derivam da natureza das coisas. Engels trata a dialética, de forma mais extensa e mais densa, de acordo com Becker (2006, p. 90), “segundo Engels, a dialética está onipresente na realidade, como forma de articulação das partes de um todo e como processo de seu desenvolvimento”.

Enfatiza a história, o movimento, o percurso do tempo e é dessa história seja ela da natureza do ser, seja da sociedade que foram abstraídas as leis da dialética sobre a vida. São elas, a lei da transformação da quantidade em qualidade e vice-versa, a lei da interpretação dos contrários, a lei da negação da negação e a lei da ação recíproca ou da unidade polar.

Esse resgate da dialética, como processo lógico da indagação científica, faz-se necessário para se verificar a sua concretude como método do conhecimento, porém o seu conceito é utilizado por diferentes doutrinas filosóficas e, de acordo com cada uma, assume um significado distinto.

Prado Jr. (1980), em **Dialética do Conhecimento**, escreve que, para compreendê-la, é preciso pensar dialeticamente, uma vez que traz a realidade, a materialidade como forma em movimento, que passou a ter um destacado papel, na investigação científica, a partir da crise paradigmática que a Geografia vivenciou na segunda metade do século XX.

A partir desse momento, a Geografia passou a ser pensada em termos de teoria e prática, como práxis social, no sentido de que não basta explicar o mundo, pois cumpre transformá-lo.

A contradição dialética não é apenas externa, mas unidade de contradições, identidade. Ela mostra como as contradições podem ser concretamente idênticas, como passam uma na outra, mostrando também por que a razão não deve tomar essas contradições como coisas mortas, petrificadas, mas como coisas vivas, móveis. Dessa forma, a dialética é um confronto entre os diferentes aspectos de um problema.

O MÉTODO DIALÉTICO E A GEOGRAFIA

Segundo Mora (1982, p.108),

não se pode afirmar, com efeito, se a dialética é um nome para a filosofia geral, que inclui a lógica formal como uma de suas partes, ou se é um reflexo da realidade, ou se é simplesmente um método para a compreensão desta.

O método, enquanto uma esfera, uma determinação filosófica, é uma visão de mundo e não pode ser descrito como aquilo que constitui a essência, a individualidade de algo e nem ser desconectada da realidade científica. A questão do método, na ciência geográfica, ocupa um lugar de destaque como uma das questões tradicionais dessa ciência. Ao longo de sua história, a Geografia adotou métodos científicos distintos, os quais forneceram interpretações diversas de acordo com as principais correntes do pensamento geográfico. De certa forma, observa-se um movimento, no qual essa questão representou diferentes papéis de importância à medida que ocorreu o avanço da ciência geográfica.

O método dialético, especificamente na ciência geográfica, varia pelo fato de que essa disciplina trabalha com a realidade em sua complexidade, abordando fenômenos estudados por outras ciências. Nesse sentido, o método dialético para auxiliar o estudo geográfico não isolaria os elementos de outras ciências, ao contrário, trabalharia com suas inter-relações.

As transformações ocorridas, nos métodos de investigação e nos objetos de estudo da Geografia, no período entre as duas guerras mundiais foi o que, posteriormente, ocasionaram mudanças metodológicas na ciência geográfica. A discussão sobre suas mudanças tem se firmado como um importante elemento que distingue as correntes ditas renovadoras daquelas denominadas tradicionais. Isso se explica porque, contrapondo-se à unidade que prevalecia, instaurou-se uma diversidade de abordagens metodológicas, consoantes com diferentes posicionamentos políticos, assumidos pelos geógrafos que constituem as correntes contemporâneas.

O mundo do qual nós fazemos parte não se encontra acabado, mas passa por diversas transformações e, conseqüentemente, na complexidade desse mundo, nasce uma nova escola, uma nova corrente do movimento de renovação do pensamento geográfico que questiona os procedimentos metodológicos da Geografia Tradicional e o uso excessivo de técnicas quantitativas nos estudos geográficos, além das propostas teórico-metodológicas da Nova Geografia, intitulada Geografia Crítica ou Radical.

A Geografia Crítica assentou-se nas bases filosóficas de Marx e Engels e desenvolveu seus estudos pelo método dialético, que contém os princípios da interação universal, do movimento em espiral e da transformação da quantidade em qualidade. Tem como princípio a ideia de que o mundo não pode ser considerado um complexo de coisas acabadas, mas de processos em que as coisas e os reflexos delas estão em constante movimento.

Na visão científica, o método dialético é definido a partir de determinadas categorias de análise, as quais vão produzir um sistema de conceitos organizados, segundo uma determinada lógica. Fazer Geografia, conforme a perspectiva do método dialético, está assentado em um confronto de ideias, o que equivale a reconhecer que o pensamento uma vez estabelecido vai ser confrontado com um novo. Produz-se, assim, uma tensão entre os dois modos de pensar e criam-se outras formas de conhecimento e apreensão das realidades, que fazem parte de nosso cotidiano.

Dessa forma, o método dialético permite compreender as mais diversas visões do mundo (que são a marca do período atual), explicar e refletir sobre seu conteúdo mais profundo, sua essência. Na Geografia Crítica, isso está ligado à compreensão do espaço geográfico, como um conjunto de objetos (forma/aparência) e ações (conteúdo/essência). Essa concepção pode também ser um instrumento de uso político para transformação do mundo, mas a partir de uma ação do geógrafo, enquanto pensador da sociedade atual, o qual poderá demonstrar suas reais condições para ajudar na construção política de um mundo menos injusto, por meio da produção de conhecimento geográfico crítico, enquanto método ou visão de mundo.

A Geografia, busca (re)fazer-se, por isso pode-se afirmar que o método dialético empregado em seu âmbito foi o que produziu categorias analíticas que preenchem de conteúdo um sistema de conceitos que dão conta da explicação do presente.

Somente um entendimento profundo dos movimentos contraditórios e dialéticos do mundo, em seu período histórico atual, pode ajudar os homens a superarem os processos de dominação e controle, desigualdade e falta de oportunidades, exploração e marginalidade, pobreza e fome que, infelizmente, estão geograficamente impregnados na sociedade.

Assim, a qualidade metódica crítica está na forma de ver, ler e conceber o mundo e é por meio dela que o sujeito/indivíduo recebe a realidade e revela-se no mundo de diferentes formas, de acordo com sua história, com suas circunstâncias, com sua vida e com o movimento da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência geográfica evoluiu com o decorrer do tempo, desde a sua sistematização até os dias atuais. Isso fez com que a Geografia procurasse novos métodos para poder explicar as transformações ocorridas no espaço, que é o objeto de estudo dessa área do conhecimento.

O mundo hoje não é visto como algo acabado, mas em constante movimento, transformação. Ao longo de sua jornada histórica, a Geografia utilizou vários métodos empíricos e quantitativos até que se chegou ao Método Dialético, baseado na dialética e em suas leis, as quais estabelecem que a realidade material e o pensamento só existem sob a forma de movimento, criando uma nova visão da totalidade e concretude do espaço que é analisado pela ciência geográfica.

Esse método faz com que a Geografia, em sua presente escola, denominada Crítica, obedeça a objetivos e princípios comuns que convivem com propostas díspares e perspectivas diferenciadas, nas quais a unidade da Geografia Crítica manifesta-se na postura de oposição a uma realidade social e espacial contraditória e injusta, fazendo do conhecimento geográfico uma arma de combate à situação existente.

Com isso, a Geografia, marcada por intensa complexidade das relações sociais, econômicas e de produção da sociedade, bem como do ambiente, faz com que se despertem novos questionamentos de toda a ordem, desafiando a ciência a identificar traços dessa nova crise que mais uma vez é vivenciada no mundo contemporâneo.

Portanto, mapear e analisar a gênese da ciência geográfica e compreender o processo de mudanças contínuas, que caracterizam o processo histórico e suas repercussões, na estruturação e organização do espaço, faz parte da ciência geográfica. Essas continuam a desafiar as perspectivas e constituem-se em preocupações e mudanças no interior do pensamento geográfico.

Nesse sentido, é chegada a hora de repensar o espaço geográfico, pois esse surge com novas conotações, as quais passam a exigir novas formas de interpretação do real, relacionado os fatos externos e internos, apresentando características espaciais e locais, que são sintomas de vitalidade e dinâmica de uma ciência.

REFERÊNCIAS

BECKER, E. L. S. **História do pensamento geográfico**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

KONDER, L. **O que é Dialética?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. 7. ed. São Paulo: HUCITEC, 1987.

PRADO., JR, C. **Dialética do conhecimento**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

QUAINI, M. **Marxismo e Geografia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SANTOS, M. F. dos. **Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais**. São Paulo: Matese, v. 2, 1963.

_____. **Por uma Geografia Nova**. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.

